

GARCIA GUAL, Carlos. *Epicuro*. Madri: Alianza Editorial, 1981, 275 p.

O livro *Epicuro* de Carlos Garcia Gual é um estudo-documentário bastante expressivo acerca do pensamento filosófico do “jardim”, muito bem ilustrado por textos originais e comentários interessantes sobretudo aos iniciantes no estudo da filosofia epicúrea; isto porque traz em si um conteúdo informativo que possibilita ao leitor o conhecimento de autores especialistas e suas respectivas obras filosóficas e exegéticas que se encontram publicadas em diversos idiomas.

É notável o rigor com que são apresentados textos e fragmentos da obra autêntica de Epicuro; o que denota a brilhante investigação procedida pelo atual professor de Filologia Grega da Universidade de Madri, e permite uma perfeita interpretação dos mesmos na versão castelhana. Por outro lado é também admirável a ambientação histórica do livro, que situa o pensador no contexto cultural da Grécia helenística, mostrando ainda que de modo sumário as posições marcadas pela escola de Epicuro em relação às demais escolas filosóficas daquela época. Carlos Garcia Gual é explícito no seu propósito de advertir os partidários de um certo neo-hegelianismo acerca do “desdém” e do “rancor ideológico” que eles mantêm em relação às filosofias helenísticas, materialistas e hostis ao idealismo. Ele acredita que o epicurismo, o ceticismo e o estoicismo “representam a maturidade do pensamento crítico na Grécia” (p. 8). Isto acena de alguma maneira para o fato do “sistemismo ser uma invenção deste período, eminentemente crítico”.

No “prólogo” já se apresenta o caráter introdutório deste estudo, que mistura nos quinze capítulos subseqüentes história e análise interpretativa numa linguagem radicalmente clara, que prima por evidenciar as passagens mais importantes da obra de Epicuro, desde o aspecto histórico de sua vida em relação a Atenas, passando pela sistematização do *corpus philosophicum* mediante a exposição da teoria física, dos textos da Ética, seguidos naturalmente de análise das questões principais tais como o prazer; a religião e os deuses; a amizade, etc.; até os capítulos finais, que trazem depoimentos sobre Lucrécio, Filodemo, Diógenes de

Enoanda e Diógenes Laércio, principais continuadores do pensamento epicurista na Grécia e em Roma.

O conteúdo de cada capítulo denota o “caráter sistemático da teoria epicúrea”, objetivo tácito do autor espanhol, que se esmeiou em catalogar de modo inteligente e perspicaz as principais posições interpretativas acerca dos textos e fragmentos de Epicuro e de seus sequazes, além de indicar nas “notas bibliográficas” discussões aprofundadas sobre as questões fundamentais do epicurismo, bem como a posição de cada uma nas respectivas obras dos comentadores. A importância dada por Garcia Gual à divulgação dos principais trabalhos escritos sobre o pensamento de Epicuro indica o empenho de um apaixonado pelo pensamento helenístico, que procura livrar o epicurismo senão de um “esquecimento”, pelo menos dos juízos escorregadios dos manuais, fruto quase sempre do desconhecimento das proposições do filósofo, ou então das maledicências promovidas por uma certa tradição historiográfica do pensamento antigo.

Com muita propriedade Garcia Gual procura mostrar a coerência do sistema epicurista, mediante a concatenação das teorias físicas e éticas com vistas sobretudo a esclarecer o propósito filosófico, ao qual tanto as assertivas éticas (*Doutrinas e Máximas*), quanto as proposições *physiológicas* estão ligadas por uma relação de copertinência. O capítulo cinco, “La teoria física”, é o mais longo de todos, talvez por apresentar, quase integralmente, *as cartas a Herodoto e a Pytoles*, acompanhadas de explicações acerca da constituição atômica do universo. Os demais temas ligados à Ética tornam-se mais claros a partir da exposição dos princípios da física.

Um outro traço marcante neste “estudo” é a constante correlação estabelecida entre as principais escolas gregas - notadamente a platônica, a aristotélica e a estoica - com o pensamento de Epicuro. Nas questões mais polêmicas tais como a da alma, do prazer e do conhecimento, transparece o embate das teorias, ora em rigorosa oposição, ora coincidindo em diversos aspectos. O resultado disso é uma visão mais desembaraçada das rusgas existentes entre elas. Dono de uma prudente erudição, Garcia Gual menciona a todo instante relatos historiográficos que compõem muito bem o quadro informativo acerca da cultura grega de modo geral e, em particular, dos “personagens” comprometidos com a história do epi-

curismo. Em cada capítulo, mostra-se um conhecedor profundo desta escola, tal a facilidade com que passa do texto epicúreo ao texto lucreciano, marcando com precisão a passagem exata nas versões originais, assim como nas traduções.

A importância maior deste livro reside na simplicidade de sua exposição, cujo sentido “epicúreo” é o de proporcionar ao meio acadêmico-filosófico uma maior interação com a produção de idéias e reflexões sobre o pensamento de Epicuro. Ele deixa entrever que a partir da publicação da obra *Epicurea* de Usener, em 1887, teve início uma série de estudos e compilações dos textos epicúreos, que culminou na criação de diversos centros de estudos sobre os fragmentos descobertos nas pesquisas arqueológicas em Herculanium, que ficaram conhecidos pelo nome de “Papiros de Philodemus”. Isso nos dá de alguma maneira a dimensão real da recuperação do pensamento epicúreo, que voltou a merecer uma atenção singular por parte dos estudiosos contemporâneos do pensamento antigo.

Passados dez anos desde a publicação de seu primeiro artigo sobre o epicurismo, “Epicuro, el liberador” (Estudios Clássicos, 1970), Garcia Gual insiste no mesmo objetivo de dedicar seu trabalho “a todos os que não se deixam enganar por opiniões vãs, mas que olham atentamente para os fatos reais”, segundo o que disse Epicuro na “Máxima Capital 37”.

Prof. Markus Figueira da Silva

*Departamento de Filosofia
Universidade Federal do Rio Grande do Norte*